

A interdisciplinaridade em um CAPS: a visão dos trabalhadores¹

Ana Carolina Santos de Souza^a, Mara Cristina Ribeiro^b

^aTerapeuta ocupacional, Mestre em Enfermagem Psiquiátrica, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo – USP, Atua no NASF-CO da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Supervisora do Serviço Residencial Terapêutico do Campo Limpo II, Associação Saúde da Família, São Paulo, SP, Brasil

^bTerapeuta ocupacional, Professora adjunta do curso de Terapia Ocupacional, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Doutora em Ciências, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: A presente pesquisa foi realizada em um CAPS II (Centro de Atenção Psicossocial II) na cidade Maceió, AL, e teve como objetivo analisar as concepções que os trabalhadores têm acerca do que vem a ser a interdisciplinaridade, assim como a forma como eles acreditam aplicar tais conceituações em sua prática profissional e a forma como eles acham que a instituição a exerce; para tanto foram entrevistados nove trabalhadores. Foi utilizada a abordagem qualitativa, que analisou os dados coletados na pesquisa de campo sob a luz do método da análise temática. Na análise dos resultados surgiram dois grandes temas a serem debatidos: a interdisciplinaridade como ideias e ações possíveis e dificuldade da ação interdisciplinar. Os resultados apontam para uma noção, por parte dos trabalhadores, ainda confusa acerca do que vem a ser a interdisciplinaridade, confundindo-a com os conceitos de multi e pluridisciplinaridade. Dessa forma, as diferenças apresentadas nos discursos entre o pensar e o fazer interdisciplinar resultam das dificuldades de ações concretas verificadas no estudo.

Palavras-chave: *Saúde Mental, Equipe de Assistência ao Paciente, CAPS.*

Interdisciplinarity in a Psychosocial Care Center: the conception of the workers

Abstract: The present research was carried out in a Psychosocial Care Center, CAPS II, located in the Maceió, state of Alagoas, Brazil. The study aimed to analyze the conceptions and practices of interdisciplinarity from the viewpoint of the professionals and the institution - nine workers were interviewed. We used a qualitative approach and analyzed the data collected in light of the Thematic Analysis Methodology. The two major emerging themes were interdisciplinarity as possible ideas and actions, and the difficulties found in exerting it. Results point to a still unclear idea about interdisciplinarity from the part of the professionals, who confuse it with the concepts of multidisciplinary and pluridisciplinary. Therefore, the differences presented on the discourses between the interdisciplinary ‘thinking’ and the interdisciplinary ‘doing’ result from the difficulties in taking concrete actions verified in this study.

Keywords: *Mental Health, Patient Care Team, CAPS.*

1 Introdução

A interdisciplinaridade surge de uma necessidade de reestruturar as formas de produção do conhecimento, cujo caráter positivista vem deixando de ser suficiente para explicar fenômenos que separados de seu todo perdem totalmente seu sentido.

Para Pires (2004), a ciência é uma dentre tantas outras formas de conhecimento humano que, como as demais, captura parcialmente a realidade e o faz em relação ao sujeito que realiza a ação de compreender um fenômeno do qual também faz parte.

A busca de uma atitude disciplinar, tanto na esfera da pesquisa como na da prática social ou do ensino, deve ser precedida de uma reavaliação do papel da ciência e do saber em suas relações com o poder. Não se trata de criar uma superciência, mas de buscar a concorrência solidária das várias disciplinas na construção da totalidade humana (SÁ, 2007).

Japiassu (1976, p. 72) afirma que para entender a interdisciplinaridade, antes de tudo, é importante entender o conceito de disciplina. O autor parte do pressuposto de que disciplina tem o mesmo sentido que ciência e disciplinaridade significa

[...] a exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo de estudo, onde tal exploração consiste em fazer surgir novos conhecimentos que substituam os antigos.

Após a compreensão do termo disciplinaridade, é importante que se faça também referência aos conceitos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, já que eles serão explorados na análise dos dados coletados no presente estudo.

Ainda de acordo com Japiassu (1976), quando falamos em multidisciplinaridade, estamos evocando a ideia de justaposição, num determinado trabalho, dos recursos de várias disciplinas, sem implicar necessariamente um trabalho de equipe coordenado.

Já a pluridisciplinaridade supõe uma justaposição de diversas disciplinas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas. Tanto o multi quanto o pluridisciplinar realizam apenas um agrupamento, intencional ou não, estando tal agrupamento na multidisciplinaridade sem relação entre as disciplinas e na pluridisciplinaridade com algumas relações entre elas (JAPIASSU, 1976, p. 73).

Já na interdisciplinaridade há uma relação de reciprocidade, de mutualidade que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema de conhecimento, isto é, substitui-se a

concepção fragmentária pela unitária do ser humano (SAMPAIO, 2007).

Podemos identificar um trabalho interdisciplinar todas as vezes que ele consegue incorporar os resultados de várias especialidades, sempre que ao utilizar técnicas, teorias e ferramentas de outras disciplinas, toda sua metodologia inicial e seus pressupostos forem de alguma forma modificados; numa relação interdisciplinar, as disciplinas envolvidas sempre sofrem mudanças, não podendo depois da interação voltar a ser o que eram antes.

Em equipe interdisciplinar os profissionais buscam contribuir com os conhecimentos técnico-científicos de sua disciplina, estudo e superação de determinadas situações. Para tanto, os profissionais envolvidos precisam estar abertos às mudanças, dotados do espírito de descoberta e curiosidade, desejando enriquecer-se com novos enfoques, precisam estar cheios de gosto pelas combinações de perspectivas e, principalmente, desejosos de superar os caminhos já trilhados.

Esse conceito de interdisciplinaridade é bastante importante para a compreensão dos novos modelos de ações na saúde mental, que através de contínuas transformações, tanto no campo político como no assistencial, vimos surgir em todo o país: um novo lugar de tratamento, o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), onde a postura com relação ao processo saúde-doença mental requer uma nova atitude dos profissionais envolvidos, capazes de articular conhecimentos específicos com o de toda rede de saberes que envolve o sistema de cuidado.

Segundo o Ministério da Saúde, os CAPS são serviços de saúde municipais, abertos, comunitários, que oferecem atendimento diário às pessoas com transtornos mentais severos e persistentes, realizando o acompanhamento clínico e a reinserção social dessas pessoas através do acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários (BRASIL, 2005).

Assim, os novos serviços de saúde mental, característicos do processo de reforma psiquiátrica, são muito distintos em seus perfis. Costumam desenvolver atividades terapêuticas muito peculiares, o que exige de todos os profissionais da equipe versatilidade na adequação da necessidade da clientela ao plano terapêutico global do serviço (WAIDMAN; ELSÉN, 2005).

Assim sendo, a atuação em saúde mental solicita um trabalho integrado, uma pluralidade de enfoques, uma relação de afinidade entre os profissionais, uma troca constante de experiências, ou seja, solicita um trabalho interdisciplinar, que opõe-se à abordagem

reducionista que centra num único ponto a ação em saúde mental (RIBEIRO, 1999).

Dessa forma, a presente pesquisa buscou fazer uma análise da concepção que os trabalhadores de um CAPS têm acerca do que vem a ser a interdisciplinaridade, uma vez que tal característica (o trabalho interdisciplinar) se faz tão presente na necessidade de intervenção em saúde mental.

2 Metodologia

Na presente pesquisa foi utilizado o estudo de caso: a unidade de estudo analisada foi a concepção dos trabalhadores de um CAPS acerca da interdisciplinaridade, assim como a forma como os mesmos acreditam aplicar esse conceito em seu trabalho e na instituição. Para tanto, foi utilizada a análise de conteúdo no tratamento do material; o tipo de análise de conteúdo adotado para analisar as falas dos trabalhadores foi a análise temática (MINAYO, 2010).

De acordo com a autora, a realização da análise temática consiste em descobrir os sentidos que compõem uma comunicação cuja presença signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado (MINAYO, 2010, p. 316).

Dessa forma, pudemos capturar através da análise das falas tanto a conceituação da interdisciplinaridade no imaginário desses trabalhadores como a forma como eles acreditam operacionalizar esse conceito.

Para realizar a coleta de tais conceitos através das falas dos trabalhadores foi utilizada a entrevista como instrumento, pois, como colocado por Ribeiro (2005, p. 61), o objetivo maior era “transmitir a fala do outro com o mínimo de interferência possível, respeitando seus valores e suas vivências”.

Os trabalhadores do CAPS foram elucidados acerca da pesquisa em uma reunião de equipe, sendo em seguida convidados a participarem, de acordo com sua vontade. Aqueles que se interessaram em participar foram entrevistados individualmente. Nesse momento, o trabalhador assinou o termo de consentimento livre e esclarecido² e a entrevista semiestruturada foi realizada, utilizando um gravador para coleta de dados.

Foi adotado como critério de inclusão o pertencimento ao corpo técnico e/ou administrativo do CAPS e como critério de exclusão os trabalhadores do CAPS que fossem voluntários. As variáveis estudadas foram as concepções dos trabalhadores sobre a interdisciplinaridade, a função exercida dentro do CAPS, o tempo de trabalho na área de saúde mental, o tempo de trabalho em Centro de Atenção Psicossocial e de trabalho direto ou indireto com o usuário.

3 Resultados e discussão

O quadro de funcionários do CAPS contava com 17 pessoas que operavam processos de trabalho junto aos usuários do serviço (Tabela 1). Desses, foram entrevistados 9 trabalhadores, dentre eles 6 técnicos, ou seja, profissionais com formação superior, 2 funcionários de nível médio e um funcionário de nível fundamental. Tal distinção se faz necessária para que possamos perceber a conceituação e a prática da interdisciplinaridade de acordo com o grau e tipo de interação com os usuários do serviço de saúde mental.

Foram descartadas duas entrevistas pelo fato de seus interlocutores darem definições que não são passíveis de avaliação por não dizerem respeito aos temas que a interdisciplinaridade traz como

Tabela 1. Quadro de trabalhadores que desenvolvem processos de trabalho no CAPS II.

Quantidade	Função	Formação
1	Educador Físico	Ensino Superior Completo
2	Terapeutas Ocupacionais	Ensino Superior Completo
1	Médico Psiquiatra	Ensino Superior Completo
2	Assistentes Sociais	Ensino Superior Completo
2	Psicólogos	Ensino Superior Completo
1	Enfermeiro	Ensino Superior Completo
2	Auxiliares de Enfermagem	Ensino Médio Completo
1	Farmacêutico	Ensino Superior Completo
1	Nutricionista	Ensino Superior Completo
1	Motorista	Ensino Fundamental Completo
2	Seguranças	Ensino Fundamental Completo
1	Copeira	Ensino Fundamental Incompleto

desdobramentos (metodologia de trabalho, forma de produção de conhecimento, interação entre profissionais, formação de equipe, hierarquia nas relações, dentre outros aspectos).

Ao realizar os procedimentos metodológicos já explanados e discutidos anteriormente, dois temas emergiram:

1. A interdisciplinaridade como ideia e ação possíveis;
2. Dificuldades da ação interdisciplinar.

3.1 A interdisciplinaridade como ideia e ação possíveis

Pudemos perceber, através das falas dos trabalhadores, que existe uma forma de pensar o interdisciplinar, ou seja, uma forma de concebê-lo, assim como existem as projeções de ações possíveis advindas desse pensar.

Ao tentar definir a interdisciplinaridade e associá-la a suas ações, nossos interlocutores trazem a ideia da mesma como aglutinadora de ações, para se atingir um objetivo em comum, sendo esse objetivo comum o melhor tratamento do usuário.

Isso pode ser percebido em falas que definem a interdisciplinaridade como, por exemplo, um “conjunto de profissionais que trabalham juntos com a mesma finalidade” (entrevistado C) ou, ainda, como “um grupo de profissionais de diversas áreas que trabalham, buscam um objetivo só, com esse grupo de profissionais se atinge um objetivo só” (entrevistado F).

Essas falas que definem a aglutinação de ações mencionada apontam que elas existem para atingir um propósito. Isso se torna claro na fala dos entrevistados F e A, respectivamente: “a interdisciplinaridade funciona também buscando o **bem-estar** do usuário, a gente trabalha buscando o **bem-estar** do usuário”; “há um conjunto de profissionais que trabalham juntos em função da **melhora** do paciente”.

Em tais falas percebemos que a interdisciplinaridade vai se delineando através do objetivo a ser alcançado, ou seja, para tais trabalhadores, um dos aspectos que caracterizam e definem a interdisciplinaridade é o seu objetivo, aliás, o objetivo da equipe ao adotá-la.

Tais falas convergem com a ideia de Matos, Gonçalves e Ramos (2005), que coloca que, nas ciências da saúde, a gradual complexidade das questões exige a contribuição de muitos. Para a autora, a enfermidade, para ser compreendida, deve ser considerada sobre distintos ângulos, ou seja, deve envolver o olhar de cada uma das disciplinas, pois não existe uma consideração unitária. Dessa forma, a percepção por parte dos profissionais de

que o objetivo de reformulações de conceitos e mudanças de paradigmas surge como exigência antes de tudo para uma melhor assistência a seu cliente é imprescindível para que esse cliente perceba que a mudança de comportamentos é uma atitude ética.

No entanto, não podemos definir a interdisciplinaridade pelo seu fim, mesmo porque quando falamos em atenção em saúde, todo profissional, não importando a especificidade ou a metodologia de trabalho adotada, tem como fim a melhora e o bem-estar de seu paciente.

Furtado (2007) explicita que tanto em uma equipe multidisciplinar como em uma pluridisciplinar ou interdisciplinar, os profissionais trabalham na tentativa de atingir um objetivo em comum, o que as define é exatamente o grau de interação existente para que este objetivo seja alcançado.

Assim sendo, para o autor, algum grau de interação entre disciplinas próximas sempre acontece, porém a forma e intensidade desse intercâmbio podem variar significativamente, sendo exatamente esse grau e essa intensidade de troca de saberes que definem a interdisciplinaridade (FURTADO, 2007).

Nossos entrevistados apontam para tal direção quando expressam a ideia de que no trabalho interdisciplinar “uma parte ajuda a outra” (entrevistado H), sendo “um trabalho em que há troca de conhecimento” (entrevistado A). As falas nesse sentido continuam:

“A interdisciplinaridade é procurar o outro” (entrevistado H);

“A interdisciplinaridade é a troca de informações” (entrevistado I);

“... se tratam de vários profissionais que interligam informações” (entrevistado I);

“A interdisciplinaridade está em meu trabalho quando eu ponho em prática o que vem do outro colega” (entrevistado H);

“Eu trabalho muito com a terapeuta ocupacional, num trabalho associado ao dela” (entrevistado I);

“A assistente social dá o ponto de vista dela, a psicóloga que atende dá também, e aí a gente entra num acordo” (entrevistado I);

“Meu trabalho é interdisciplinar na forma de interação com os outros profissionais, ou seja, é uma forma de agir” (entrevistado B);

“Cada um fazendo sua parte, ajudando o outro” (entrevistado G).

Percebemos por essas falas que a interdisciplinaridade demanda troca, ou seja, os trabalhadores falam em relações de troca, onde um deve buscar o outro, “uma parte ajuda a outra”. Assim, temos que para tais trabalhadores pensar a interdisciplinaridade significa pensar em trocar informações, em buscar o saber do outro. Quando nos debruçamos sobre a definição de interdisciplinaridade, percebemos que de fato esta é uma característica fundamental dela e por essa razão temos que dar especial atenção a esse aspecto, para que não confundamos conceitos que podem ser sutis. Notemos nas duas falas que seguem que os entrevistados trazem ideia de complementaridade e sobreposição:

“Um recebe do outro, um complementa o outro”
(entrevistado I);

“Eu vou atrás da enfermagem para buscar alguma coisa, eu vou atrás do serviço social para buscar alguma coisa, eu vou atrás do psicólogo para buscar” (entrevistado A).

A interdisciplinaridade não se define como sobreposição de saberes; quando Japiassu (1976) define a interdisciplinaridade, ele também define a multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade. Ao definir multidisciplinaridade, esse autor coloca que se trata de uma “[...] gama de disciplinas que propomos simultaneamente, mas sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas”.p. 73 Percebemos assim que a colocação do entrevistado A, que **busca a enfermeira**, não se encaixa exatamente na definição de multidisciplinaridade proposta pelo autor, uma vez que vemos um esboço de interação entre as disciplinas.

No entanto, ao analisar sua definição de pluridisciplinaridade, a

[...] justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas [...]. (JAPIASSU, 1976, p. 73).

percebemos que nos aproximamos da fala da trabalhadora quando ela fala em busca. Então nos perguntamos: o que seria necessário para caracterizar uma ação como sendo interdisciplinar, uma vez que a pluridisciplinaridade já dá a ideia de troca de saberes e interação? O mesmo autor, mais adiante em sua obra, coloca que:

[...] tanto o multi como o pluridisciplinar realizam apenas o agrupamento, intencional ou não, sem relação entre as disciplinas, no caso da multidisciplinaridade, ou com algumas

relações, no caso da pluridisciplinaridade. Um visa à construção de um sistema disciplinar [...] com diversos objetivos, enquanto o outro visa à construção de um sistema com objetivos distintos, mas dando uma margem a certa cooperação [...] (JAPIASSU, 1976, p. 73).

A interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas e pelo grau de interação real das disciplinas e não apenas pelo diálogo paralelo entre dois especialistas de disciplinas vizinhas. Todas as falas nos remetem a certa integração entre os profissionais, trazendo consigo a ideia de trabalho em equipe, de interação e interligação de saberes, mas ao falar em interdisciplinaridade estamos também falando de grau de interação, grau de troca e mudança real de postura diante dessas trocas que supostamente são profundas e definitivas.

Nas falas subsequentes é possível notar a preocupação constante em respeitar a especificidade do outro, ou seja, devem-se realizar trocas, devem-se trocar informações, mas os cuidados com as fronteiras que delimitam cada disciplina devem ser constantes, para que nunca sejam transpostos:

“Cada profissional tem sua especificidade”
(entrevistado A);

“[...] não interferindo no trabalho deles, mas colocando de alguma forma” (entrevistado C);

“Eu não vou agir como o assistente social, ela não vai agir como psicóloga. O usuário precisa não só do psicólogo, mas do psiquiatra, dentro de sua área” (entrevistado G);

“A gente tem que transferir pro outro na forma do outro trabalhar, mas sem dizer como ele deve trabalhar” (entrevistado C).

Um dos entraves à prática interdisciplinar é a insegurança dos profissionais no que diz respeito à sua especificidade. Para uma prática efetiva de trabalho em equipe, diversos autores (JAPIASSU, 1976; MARQUES; RAMALHO, 2007; SÁ, 2007) colocam que é necessário que os profissionais se desprendam das amarras da especificidade e defesa de seu campo de saber e se tornem mais flexíveis e seguros quanto às fronteiras que delimitam suas profissões.

Japiassu (1976) coloca-nos que é importante que os profissionais destituam-se do individualismo e da postura defensiva com relação à interação com outras áreas, acreditando que perderão seu campo de ação e sua especificidade. O conhecimento interdisciplinar deve ser uma lógica de descoberta,

uma abertura recíproca e uma comunicação entre os domínios do saber.

Quando se propõe um trabalho em equipe, não se coloca em jogo a prática de determinada profissão, ao contrário, exige-se tacitamente que ela se fortaleça enquanto prática individual para ter a capacidade de transcender suas fronteiras e contribuir para os outros saberes. Não se intenciona acabar com as especificidades de cada profissão, apenas trazer à dinâmica da especialização uma prática mais pluralista.

3.2 Dificuldades da ação interdisciplinar

Da mesma forma que foi perceptível a expressão de formas de pensar e agir interdisciplinarmente por parte dos trabalhadores, se delinearão também as dificuldades de fazê-lo. Isto ficou muito evidente pelas contradições que emergiram ao longo da análise das entrevistas, uma vez que temos um pensar nebuloso que caminha para um consenso e em contrapartida temos um fazer que diverge de tal pensar anteriormente proposto.

Diversos autores, dentre eles Japiassu (1976), Marques e Ramalho (2007), Sampaio (2007) e Furtado (2007), colocam que muitas forças se opõem à realização do agir interdisciplinar; a colaboração se revela difícil num grande número de casos, seja por meio da comunicação ineficaz e ininteligível, seja por dificuldades organizacionais. O desafio aqui é o diálogo e a integração, uma vez que o verdadeiro trabalho interdisciplinar é muito árduo. Percebemos alguns aspectos disso nas seguintes falas:

“Ainda existe certa resistência em trabalhar em equipe” (entrevistado G);

“Tem o terapeuta ocupacional, o psicólogo, a enfermeira, o educador físico, mas não há entrosamento” (entrevistado F);

“Aqui eu vejo muito assim, cada um fazer o seu” (entrevistado C);

“Ainda existem profissionais que são muito individualistas” (entrevistado G);

“No dia a dia, cada um trabalha lá no seu setor mesmo” (entrevistado I);

“As minhas funções aqui são muito isoladas em relação às demais” (entrevistado F);

“Existe muito eu fiz minha parte, você faz a sua” (entrevistado G).

Percebe-se que há a visualização de que o trabalho é feito de forma individual, se não por todos, por quase todos os trabalhadores, e que o fazer interdisciplinar fica prejudicado por esse aspecto. Todos concordam no que diz respeito à necessidade de haver um entrosamento por parte dos integrantes da equipe e, ao mesmo tempo, todos mantêm a postura de isolamento, voluntária ou involuntariamente.

Na verdade fica bastante perceptível que a preocupação com a transposição de suas fronteiras e das fronteiras das outras disciplinas resulta numa postura de defensividade por parte de cada um dos profissionais.

O que é interessante nessa análise é que todos os profissionais colocam esse aspecto como grande dificultador do fazer interdisciplinar e no entanto não se percebem enquanto agentes dificultadores. Há por parte deles a percepção de que é necessário que os outros profissionais se abram para uma troca de saberes, no entanto eles não se percebem como integrantes desse mesmo grupo de indivíduos que não se abrem, como se não fossem capazes de desencadear nenhum tipo de mudança no fazer institucional:

“Não vou mudar, sozinha não vou mudar, fica difícil você querer mudar, e os profissionais ficam agindo dessa forma” (entrevistado A).

Dessa forma, as falas vão revelando que as dificuldades práticas superam os ideais desejados (que foram descritos no tema anterior):

“Eu ainda acho que é um trabalho muito falho. É um trabalho que precisa melhorar muito” (entrevistado G);

“Ainda é muito pouco” (entrevistado I);

“Eu me sinto muito só” (entrevistado A).

Anteriormente percebemos que todos os profissionais definem seu trabalho como interdisciplinar, sob um único aspecto, como pudemos constatar, mas ainda assim o definiram como sendo interdisciplinar. No entanto, quando perguntados sobre a interdisciplinaridade dentro do CAPS, todos colocam que ou não existe, ou é muito falha, precisando melhorar muito. Se tivermos profissionais que colocam que seu trabalho é interdisciplinar, a consequência de tal comportamento será uma instituição cuja abordagem interdisciplinar prevalecerá, no entanto, de acordo com os próprios trabalhadores, a interdisciplinaridade é inexistente dentro do serviço de saúde mental:

“Eu não acredito que há ação interdisciplinar aqui no CAPS” (entrevistado A);

“Não vejo nenhuma ação interdisciplinar neste serviço” (entrevistado B);

“Não existe interdisciplinaridade aqui” (entrevistado F).

Ora, como seria possível falarmos em ação interdisciplinar e ainda assim dizer que não há interdisciplinaridade dentro da instituição? Inicialmente supomos que os trabalhadores teriam uma noção equivocada acerca do que seria a interdisciplinaridade, e que por consequência sua prática não seria efetiva, se confundindo na verdade com o que vem a ser multidisciplinaridade.

De fato, alguns aspectos colocados pelos trabalhadores contemplam a definição de interdisciplinaridade, no entanto tal definição se dá de forma incompleta e incerta, uma vez que pelo fato de termos diferenciadas formas de interação entre as disciplinas (multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade), os profissionais acabam por se aproximar do que vem a ser a interdisciplinaridade e até a caminhar, em suas definições, naquilo que poderia ser considerado um trabalho interdisciplinar. No entanto, quando essas definições – ainda nebulosas e confusas – buscam uma efetivação através das ações profissionais, percebemos equívocos e contradições entre o que é pensado e feito, onde o fazer mais se relaciona a uma atitude multidisciplinar, chegando em alguns momentos a caracterizar-se como pluridisciplinar, mas não interdisciplinar, como acreditam – em alguns momentos – esses trabalhadores.

4 Conclusão

A interdisciplinaridade atualmente faz parte do discurso da prática profissional em saúde mental. É frequente estarmos entre os mais diversos profissionais, pertencentes às mais diversas disciplinas, e ouvirmos falas do tipo “isso é que é trabalho interdisciplinar” ou “nossa equipe trabalha de forma interdisciplinar”. Acabamos banalizando termos que trazem consigo ideias e conceitos tão profundos que suscitam práticas inovadoras.

É o que acontece com a multi, a pluri e a interdisciplinaridade. A hipótese inicial deste estudo era que os trabalhadores tinham uma concepção ainda equivocada acerca do que viria a ser a interdisciplinaridade, isso porque vimos no cotidiano dos processos de trabalho várias

fragmentações, resquícios, ainda, da concepção estruturalista de construção dos saberes e organização dos processos de trabalho e nelas, consequentemente, a prática profissional não corresponde a uma prática interdisciplinar.

Pudemos constatar isso ao perceber que, de fato, a fala dos trabalhadores refere as concepções multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade na interação entre as diversas disciplinas e, no entanto, não enfatiza o grau de tal interação. Convém pontuar que Japiassu (1976) coloca que tal caminhada – de um discurso multi e pluridisciplinar – é a evolução natural para a chegada a um pensamento interdisciplinar.

Como colocado por Severino (2007), a situação de interdisciplinaridade é uma situação da qual não tivemos ainda uma experiência vivida e explicitada, sua prática concreta sendo ainda processo tateante na elaboração do saber. Ela é, antes, algo pressentido, desejado e buscado, mas ainda não atingido. É exatamente o que pudemos constatar em nosso estudo, quando percebemos que a fala dos profissionais caminha para a expressão de um pensar interdisciplinar, no entanto o fazer ainda se encontra distante desse delineamento.

Na verdade, o que ocorre com a interdisciplinaridade é que a mesma está percorrendo o caminho natural das metodologias de intervenção. Primeiro deve-se construir uma base sólida acerca de seu pensar, para que seu fazer possa ser concreto e efetivo. No entanto devemos trabalhar e policiar nossas ações profissionais, para que não caiamos na armadilha do discurso que não condiz com a prática, como constatado em nosso estudo.

É de extrema importância que os profissionais adotem um posicionamento de constante aprendizagem e percebam que toda a equipe do CAPS deve estar envolvida e ser capaz de trocar saberes e informações. Numa equipe interdisciplinar, todos que compõem a instituição devem estar envolvidos no trabalho, de forma a não nos depararmos com situações nas quais aquele trabalhador não pertencente à área da saúde não possa se familiarizar com o trabalho da equipe e com o seu papel dentro da instituição.

Dessa forma é preciso que esses profissionais se conscientizem de que o trabalho em saúde mental nesse novo modelo de atenção requer constância na reformulação acerca do trabalho interdisciplinar, seus conceitos e aplicações, para que finalmente discurso e prática possam se alinhar e resultar numa assistência efetiva e coerente, com uma equipe que trabalhe de forma harmoniosa e bem-sucedida.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. *Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas*. Brasília: OPAS, nov. 2005.
- FURTADO, J. P. Equipes de referência: arranjo institucional para potencializar a colaboração entre disciplinas e profissões. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 11, n. 22, p. 239-245, maio/ago. 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832007000200005>
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MARQUES, M. T. C.; RAMALHO, M. P. Os movimentos ecológicos e a interdisciplinaridade. In: SÁ, J. L. M. *Serviço Social e Interdisciplinaridade: dos fundamentos filosóficos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 42.
- MATOS, E.; GONÇALVES, J. R.; RAMOS, F. R. S. A epistemologia de Ludwick Fleck: subsídios para a prática interdisciplinar em saúde. *Texto & contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 3, n. 14, p. 83-90, jul./set. 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072005000300009>
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- PIRES, M. R. G. M. Ciência e reconstrução em saúde: disrupção e provisoriabilidade como possibilidades emancipatórias. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 45-57, abr./jun. 2004. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232004000200022>
- RIBEIRO, P. R. M. Da psiquiatria à saúde mental: II – as renovações em psiquiatria e a ascensão das áreas afins. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 4, p. 143-9, abr. 1999.
- RIBEIRO, M. C. *A reabilitação psicossocial num CAPS: concepção dos profissionais*. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)-Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SÁ, J. L. M. *Serviço Social e Interdisciplinaridade: dos fundamentos filosóficos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SAMPAIO, C. C. Interdisciplinaridade em questão: análise de uma política de saúde voltada à mulher. In: SÁ, J. L. M. *Serviço Social e Interdisciplinaridade: dos fundamentos filosóficos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 24.
- SEVERINO, A. J. Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade. In: SÁ, J. L. M. *Serviço Social e Interdisciplinaridade: dos fundamentos filosóficos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 77-95.
- WAIDMAN, M. A. P.; ELSEN, I. O cuidado interdisciplinar à família do portador de transtorno mental no paradigma da desinstitucionalização. *Texto & contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 341-9, jul./set. 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072005000300004>

Contribuição dos Autores

Ana Carolina Santos de Souza: executora da pesquisa quando graduanda do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas. Realizou a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e a análise dos dados, assim como a elaboração do artigo original. Mara Cristina Ribeiro: orientadora da pesquisa. Realizou toda a supervisão do trabalho, desde a concepção da pergunta de pesquisa até a elaboração do artigo original.

Notas

- ¹ Pesquisa de iniciação científica vinculada ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (FAPEAL). Trabalho de conclusão de curso intitulado A interdisciplinaridade em um CAPS: a visão dos trabalhadores. Publicação autorizada pela instituição de realização da pesquisa.
- ² A presente pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL. Foi aprovada em 20 de setembro de 2007. Protocolo nº 729.